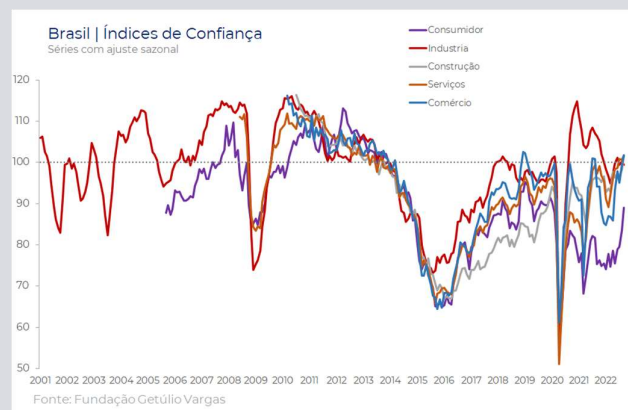


Blue Notes | Fechamento da Semana | 30 de setembro 2022

A importância da sinalização fiscal num mercado mais avesso ao risco. A poucos dias das eleições presidenciais no Brasil, vimos um exemplo da importância da sinalização tempestiva de qual arcabouço substituirá o teto de gastos como âncora fiscal do país. No caso, o Reino Unido, que acabou de passar por uma troca de governo, anunciou um pacote de expansão fiscal mais amplo do que se antecipava, a ser financiado com déficit público. Num contexto de enxugamento de liquidez global, mesmo um país com boa reputação fiscal sofreu um forte movimento de vendas nos papéis de sua dívida pública, exigindo intervenção do banco central para evitar uma crise financeira. Essa intervenção ocorrerá através da compra de dívida pública pela autoridade monetária, um movimento, de certa forma, contraditório ao aperto monetário conduzido pela mesma instituição. Esperamos que o caso do Reino Unido sirva de alerta e incentive os candidatos no Brasil a darem visibilidade aos seus programas econômicos, reduzindo os riscos de enfrentarmos problemas similares pós-eleições.

Sentimento econômico em alta, apesar do aperto monetário. Apesar de toda a incerteza eleitoral, do aperto monetário já implementado no Brasil e dos riscos advindos da economia global, os indicadores de confiança empresarial e de consumidores mantêm tendência de melhora em setembro, de acordo com a FGV. Com exceção da indústria manufatureira, todas as outras pesquisas setoriais apontaram para um aumento no otimismo, com a composição entre Expectativas e Situação Atual indo na mesma direção. Os indicadores de confiança dos setores do comércio e serviços em setembro atingiram patamares superiores ao período pré-covid e já estão em território compatível com expansão (acima de 100 pontos). Já a confiança do consumidor ainda se encontra em nível contracionista, mas voltou aos patamares que vigoravam antes da pandemia. Esses dados indicam que a economia brasileira não apresenta sinais de enfraquecimento, o que deve se traduzir em maior resiliência à queda da inflação.



Nos EUA, dados não dão espaço para flexibilização. Dados de atividade nessa semana apontaram para uma economia em expansão, afastando receios de uma recessão iminente. Pelo lado do investimento, encomendas de bens de capital tiveram forte avanço de 1.3% na margem, acima do esperado. Indicadores relacionados ao setor externo e acumulação de estoques também surpreenderam, adicionando sinais positivos para a leitura do PIB. Em relação ao consumo, há sinais claros de moderação com rotação de bens para serviços, mas ainda em crescimento mesmo com a alta dos preços. Pedidos de auxílio desemprego continuam em queda atingindo níveis muito baixos, indicando um mercado de trabalho muito apertado sem sinais de afrouxamento. Sobre a inflação, principal medida acompanhada pelo Fed acelerou para 4.9%, acima das expectativas e confirmando ainda forte tendência. Lado positivo é de que as expectativas permanecem ancoradas refletindo confiança de que o Fed seguirá firme no aperto monetário.

Banxico segue o Fed, mas sobe o tom. Como esperado, o comitê decidiu por nova elevação de 75bps levando os juros para 9.25%, contando com o apoio de todos os membros. O tom do comunicado foi hawkish, com revisões altistas de inflação por todo o horizonte relevante e avaliação de que as pressões inflacionárias vão demorar mais tempo para dissipar. A sinalização continua sendo de novas altas, sem espaço para divergência das decisões do Fed.